



Editorial

Este é o primeiro número do jornal da Escola editado pela turma do vocacional de segundo ciclo. É elaborado em parceria pelas disciplinas de Português e Informática.

Trata-se ainda de um número experimental, com recolhas e trabalhos apenas dos alunos da turma.

Contudo esperamos que o próximo número possa já contar com participações de alunos de outras turmas. Vamos criar um endereço eletrónico para recebermos os vossos trabalhos que devem sempre ser enviados através de um dos vossos professores.

Além de algumas notícias da escola, teremos sempre uma secção de culinária com sugestões dos nossos chefs e uma rubrica de correio sentimental, onde a nossa conselheira estará disponível para vos ajudar no que diz respeito problemas do coração.

Na secção de passatempos, poderão encontrar jogos que fizemos especialmente para se distraírem no período de férias que se aproxima.

Até ao próximo número e um bom Natal para todos!



Índice:

Editorial: -----	1
Mensagem de Albert Einstein-----	1
Notícias da Escola-----	2
A Escola somos nós -----	5
Seleção de contos de Natal-----	7
Os nossos contos de Natal -----	13
Secção de culinária -----	16
Correio do Coração -----	19
Passatempos-----	20



Encontrámos esta mensagem de Natal escrita há quase cem anos pelo cientista Albert Einstein. Para todos os que gostam de Ciência e não só, aqui a transcrevemos, com algumas adaptações.

Queridos alunos,

É com prazer que vos imagino reunidos nestas férias, unidos pelo espírito harmonioso que emana do calor das luzes de Natal. Mas lembrem-se também de que ensinou Aquele cujo aniversário hoje celebram. Aprendam a ser felizes nas alegrias e partilhas com os amigos e não através de lutas e discussões sem sentido. Se deixarem estes sentimentos florescer dentro de vós, todos os vossos fardos vos parecerão mais leves ou suportáveis e, através da paciência, descobrirão o vosso caminho e deixarão alegria por onde quer que passem.

Com amizade,

Albert Einstein

Notícias da Escola

Encontro com o comentador desportivo Pedro Henriques



Todas as segundas-feiras, quando chegávamos à aula, falávamos dos jogos de futebol que tínhamos visto no fim-de-semana. A professora de Português pensou e falou com o ex-árbitro Pedro Henriques que atualmente é comentador da TVI24 e convidou-o a vir à escola conversar connosco. Numa segunda-feira, pelas 8:30h, o comentador veio até à nossa sala, falou connosco e mostrou-nos muitos



objetos do futebol. No fim, ofereceu-nos uma bola oficial da UEFA CHAMPIONS LEAGUE "FINALE" que todos nós assinámos para ser entregue como recordação à Escola. Pelo nosso lado, tínhamos construído em Matemática uma bola em papel, que lhe oferecemos com as assinaturas de todos os alunos da turma. Por fim, tirámos umas fotos de grupo. Foi uma ótima manhã.



Sandro Florêncio

Exposição sobre a I grande Guerra – 1914 - 1918



Decorre na Biblioteca uma exposição sobre a I Guerra Mundial constituída por trabalhos realizados em parceria por professores e alunos no âmbito das disciplinas de História e Educação Visual do 3º ciclo. A Primeira Guerra Mundial (também conhecida como Grande Guerra) foi uma guerra global centrada



na Europa, que começou em 28 de julho de 1914 e durou até 11 de novembro de 1918. O conflito envolveu as grandes potências de todo o mundo, que se organizaram em duas alianças opostas: os aliados - Reino Unido, França e Império Russo e os Impérios Centrais- Império Alemão, Áustria-Hungria e Itália.



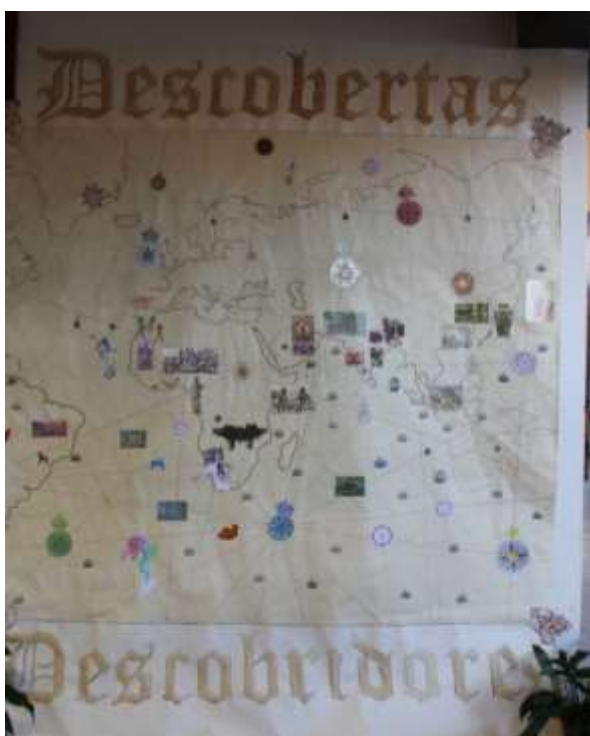
A exposição pode ser visitada até janeiro.

Venda de Natal da Educação Especial e do VOC-SAM



Decorreu no último dia uma venda de Natal de trabalhos realizados pelos professores e pelos alunos da Educação Especial com o objetivo de recolher fundos para investir na compra de materiais e para financiar uma visita de estudo a realizar no final do ano letivo. Estiveram também à venda trabalhos realizados pelos alunos do curso vocacional de Saúde, Artesanato e Multimédia.

Descobertas e Descobridores



Professores e alunos de HGP construíram, no âmbito do tema do Plano Anual de Atividades, um painel alusivo aos descobrimentos portugueses. Pretende recriar um mapa da época e mostra navegadores, embarcações, rosas dos ventos e produtos trazidos das diferentes partes do Império Português. As rosas dos ventos foram desenhadas pelos alunos do 5º ano. A pesquisa e recolha de imagens sobre a época dos Descobrimentos esteve a cargo dos alunos do 6º ano.

O painel pode ser visto na sala polivalente até meados de janeiro.

Leitura da obra completa de Sophia de Mello Breyner Andresen “O Rapaz de Bronze”



A propósito da leitura integral do livro, “O Rapaz de Bronze”, os alunos do 5º B fizeram uma pesquisa sobre todas as flores e árvores referidas pela autora e para criar um ambiente mais propício à leitura, resolveram transformar a sala num jardim. Esta é uma das fotos da turma numa das paredes decoradas.



Decoração de Natal do Polivalente



Mais uma vez, como já vem sendo tradição na Escola, cabe aos alunos a decoração da sala Polivalente. Este ano coube-nos a nós, Voc – IAH, a responsabilidade de decorar aquele espaço. Os trabalhos foram realizados no âmbito da disciplina de Artesanato, sob a orientação do professor Jorge Cerqueira. Aqui fica a fotografia para que possam apreciar o nosso trabalho.



Um grupo de alunos de Currículo Específico Individual fez, sob a orientação do professor Luís Lopes e com a ajuda de alunos do VOC-IRA, duas árvores em madeira. Uma está na entrada da Escola e outra, mais pequena na sala da Educação Especial.



Atividades desportivas



Têm decorrido, desde o final da última semana, atividades desportivas que têm envolvido os alunos de todos os anos de escolaridade. Corta-mato, megasprint e competições de voleibol e basquetebol, são as atividades previstas para estes últimos dias do primeiro período.

Atividades de Natal



Na próxima terça-feira, dia 16, decorrerão na Escola atividades de Natal que envolverão todas as turmas de ensino regular. No próximo número contamos apresentar uma reportagem completa.

A Escola somos todos nós...

Nesta secção do nosso jornal vamos conhecer melhor algumas pessoas e espaços da nossa Escola. Para este primeiro número, decidimos entrevistar a D. Céu, funcionária do pavilhão L.

Entrevista com a Dona Céu

- Qual o seu nome completo?
- Maria Do Céu Louro.

- HA quanto tempo é funcionária nesta escola?
- Há 10 anos que estou nesta escola. Entrei em 2004.

- Qual é a sua função?
- É a limpeza das salas e a vigilância aos alunos.

- O que é que a D. Céu queria ser quando era mais nova?
- Gostava de ser veterinária, porque gosto muito de cuidar dos animais.

- Quantos filhos tem? Algum deles frequentou esta escola?
- Tenho, dois filhos um com 30 anos e outro com 22 anos. Os dois frequentaram esta escola até ao nono ano.

- Gosta da profissão que tem?
- Gosto muito porque gosto de lidar com as crianças no ambiente escolar.

- D. Céu, gosta das suas colegas e dos professores?
- Sim, gosto das minhas colegas, dos professores e da Direção.

- O que acha do comportamento dos alunos?
- Acho que há alunos que se portam melhor do que os outros, mas com paciência e um pouco de carinho e atenção conseguimos que alguns alunos mais problemáticos mudem a sua atitude e tudo se resolve.

- A que hora entra e sai da escola?
- Quando entro às 8 da manhã saio às 16 horas, quando entro às 12:30 fico até às 19:30.

- Que coisas é que a D. Céu acha que devia haver na escola para os alunos?
- Devia haver mais sítios para eles conviverem e mais jogos.

- Acha que as regras da escola são boas para os alunos?
- São porque todos os locais públicos têm regras e são para se cumprirem porque se não o mundo estava de pernas para o ar.



Foi criada nesta Escola uma Unidade de Ensino Estruturado para alunos com problemas do espectro do autismo. Está a funcionar desde o anterior ano letivo e é frequentada por quatro alunos.

Fomos perguntar aos professores que dão apoio aos alunos da unidade como se processava o trabalho naquele espaço e eles explicaram-nos que:

Os meninos desta unidade têm sempre a mesma rotina. Para facilitar o trabalho, a sala está dividida em várias partes.

Área de transição

Quando entram, verificam-se as presenças, os professores falam com os alunos que, a seguir, vão trabalhar.

Área de trabalho em grupo

Trabalham em conjunto e com ajuda.

Área de reunião

Cada um tem o seu lugar marcado. Falam sobre o que vão trabalhar e fazem o plano da aula.

Área de brincar

Brincam com jogos, wii, puzzle...

Área de aprender

Vão aprender Matemática, por exemplo, têm uma box onde vão trabalhar individualmente.

Para não se distraírem, fazem os trabalhos sozinhos.

Quando acabam, colocam na caixa do triângulo verde e quando a tarefa ficar por acabar colocam na caixa do círculo azul.

O que é que significa a borboleta para estes meninos?

É um símbolo do autismo.



Por que é que a cor azul é a escolhida para o Autismo?

A cor azul é a cor da saúde e foi escolhida pela Autism Speaks, nos EUA, que foi a instituição que propôs o Dia Mundial do Autismo à ONU. Foi escolhida por ser uma cor associada ao sexo masculino, uma vez que o autismo tem a incidência muito maior em meninos do que em meninas (4 a 4,5 meninos para 1 menina).

Contos de Natal

Como as férias são o momento ideal para pôr as leituras em dia, aqui vão dois contos de Natal da autoria de Isabel Alçada e Ana Maria Magalhães.

As ilustrações foram selecionadas por nós, a partir de imagens da internet.

Conto 1 – “ O Natal das bruxas”

No castelo tenebroso estava um ambiente de cortar à faca! As três bruxas não faziam outra coisa senão resmungar, lamentar-se e dar largas à fúria, com pontapés nos gatos e vassouradas nos morcegos.

- Não há direito! – berrava a mais velha. – Vivemos aqui há séculos e nunca o Pai Natal se lembrou de nós! Nunca, por nunca ser, tivemos um presente no sapatinho!

- No sapatinho? Tu queres dizer é no sapatão. Ora olha bem para o tamanho do teu pé. Calças para aí o quarenta e quatro – respondeu-lhe a irmã mais nova, cheia de maldade, ou não se chamasse ela Rosa Maldosa.

Ao ouvir aquilo, Rita Maldita saltou de trás do caldeirão onde borbulhavam poções maléficas e deu-lhe um estalo.

- Toma que é para aprenderes. Já sabes que não tolero que falem do tamanho dos meus pés!

A outra não se ficou e puxou-lhe os cabelos com toda a força. Seguiu-se uma das cenas habituais. Faisca daqui, faisca de acolá, bombardearam-se com doses maciças de choques elétricos e insultos da pior espécie.

- És horrorosa, Rosa Maldosa!

- E tu nem chegas a ser parva... És parvalhita, Rita Maldita!

A irmã do meio assistia, abanando a cabeça com visível enfado. Como é que haviam de ter presentes, se se portavam daquela maneira? Brigas constantes afastavam qualquer Pai Natal bem intencionado. Gostaria de lhes fazer ver que assim não ganhavam nada. Mas sabendo que todos os argumentos seriam inúteis, agiu à sua maneira: puxou a corrente que segurava o caldeirão e, com um gesto seco e firme, plof!, despejou-lhes o líquido verde em cima.

- Ai!! – berraram ambas, enquanto sacudiam a roupa encharcada em óleo e enxofre repletos de rabos de lagarto e pernas de rã. – Destruíste a nossa poção mágica!

- Claro que destruí! Vocês já sabem como eu sou!

- Sabemos, sim, Conceição Maldição! És a pior de nós as três, nem sequer respeitas uma poção! (...)

Se não fossem bruxas, a zanga acabava de outra forma. Mas eram. E como não há nada mais estimulante para uma bruxa do que um banho malcheiroso e a escaldar, passado um bocado já engendravam planos formidáveis, com grande entusiasmo.

- Vamos ao Pólo Norte dizer umas verdades ao Pai Natal!

-Boa ideia!

- Eu cá não saio do armazém sem um presente. E quero-o embrulhado em papel bonito...

- E laços de cor viva!

- Pois. E um cartãozinho com o nosso nome escrito, não acham?

- Sim, Sim!

- Hi! Hi! Hi!

Num ápice, foram ao baú onde guardavam, os casacos de toupeira para ocasiões muito especiais e agasalharam-se. Depois assobiaram para chamar as vassouras, montaram e lá foram pela janela fora. Nenhuma confessou, mas iam radiantes!

A viagem foi mais rápida do que esperavam, porque o vento gélido soprava de feição. E não



lhes custou nada darem com o sítio, pois o armazém dos presentes erguia-se na orla de um bosque magnífico, em que todas as árvores eram árvores Natal. E cada uma mais bonita do que a outra! Bolas, laços, fios, chocolates, tudo pendurado com gosto e requinte. Havia também luzinhas de cores diferentes, umas fixas, outras a piscar, como nos aeroportos. Aterraram sem dificuldades e foram entrando sem pedir licença.

O Pai Natal, coitado, quando as viu pela frente teve baque. Que lhe queriam aquelas três loucas? O mais certo era virem empatá-lo e o pior é que já só tinha semana para organizar os lotes das prendas. Tentou encontrar uma boa desculpa para as mandar embora, mas elas não lhe deram tempo e desataram numa gritaria infernal.



-Viemos protestar!

-Exigimos Justiça!

-Nós também temos direito. Queremos prendas!

- Prendas como outras pessoas!

-Não temos culpa de sermos bruxas.

-Nascemos assim, temos que fazer maldades.

-Foi por isso mesmo que nos deram estes nomes começados por mal: Maldosa, Maldita, Maldição!

O pobre velhote deitou as mãos à cabeça. Que havia de fazer para se ver livre delas?

A resposta veio em frases que se atropelavam num frenesim:

-Vocês sabem muito bem que não posso dar presentes a quem faz patifarias-arriscou com voz débil.

-Patifarias ?Patifarias não !

-Asneiras ! Pequenos disparates com toda a gente.

-Claro! Somos bruxas, fazemos bruxarias. Tudo coisas em importância: poções para tornar amargo qualquer doce, pozinhos para as crianças poderem arreliar as pessoas mais velhas ou xaropes para as pessoas mais velhas obrigarem os mais novas a irem para a cama.

-Só usamos produtos de primeira qualidade! Unhas de dragão, patas de morcego, asas de mosca... ou de vespa!

-É verdade, já me esquecia-disse Rosa Maldosa como quem cai em si. -Onde é que vocês puseram o meu frasco de asas de vespa?

-Não sei. Eu não mexo nas tuas coisas.

-Nem eu.

-Mexem sim! Mentirosas! Não posso ter nada que vocês não gastem . E nem sequer pedem autorização!

Receando que discutissem toda a noite, Pai Natal ordenou:

-Calem-se! Se não se calarem imediatamente garanto-vos que nunca na vida hão de receber um presente.

A ameaça funcionou. Muito juntas, foram-se chegando para ele. Pela conversa, pareceu-lhes que encarava a hipótese de as apresentar.

- Vão-se embora - pediu o Pai Natal, agora mais calmo. – Deixem-me trabalhar sossegado.

Não prometera nada, mas havia qualquer coisa no tom de voz que lhes deu esperança. Esperança de ver um daqueles lindos embrulhos cair pela chaminé.

Abandonaram então os modos agressivos, despediram-se e retomaram viagem. De regresso ao castelo tenebroso, lembraram-se de que as vassouras podiam ser usadas para outros fins que não o voo e, pela primeira vez em séculos, limpavam teias de aranha, caganitas de rato e camadas de pó acumulado nos cantos, pondo grande esmero

nas pedras da chaminé que ficaram rebrilhado sem uma ponta de fuligem. Depois, que longa espera!



Nunca mais chegava a hora de saber se desta vez, sim, seriam contempladas. Mas valeu a pena! Era meia-noite em ponto quando ouviram uma restolhada sobre as telhas. Pé ante pé foram espreitar e, oh maravilha! As renas lá iam deslizando pelo céu ao som dos guizos que tilintavam.

Do Pai Natal só se via a silhueta gorda e o bafo de vapor provocado pelas risadas alegres de quem está satisfeito a sua missão. Pela chaminé desciam lentamente três embrulhos, tão lindos como nunca tinham visto! Ansiosas, precipitaram-se-lhes quando com os olhos nos cartõezinhos:

- Oh! Já viste o que o Pai Natal escreveu?

-Que querido!

-Adoro o Pai Natal!

-É velho mais simpático do universo!

A alegria tinha razão de ser. O Pai Natal, em vez de usar os nomes delas, escolhera outros mais a seu gosto: Rita Bonita, Rosa Cheirosa, Conceição Bom Coração.

Nunca ninguém lhes tinha chamado assim e sentiam-se tão felizes que, por um momento, desejaram proceder como o Pai Natal: apeteceu-lhes alterar as coisas, substituir maléficis por benefício, enfim, apeteceu-lhes deixar de ser bruxas.

Mas quem é que pode fugir ao seu destino? Ainda não tinha batido a uma hora da manhã, já as três bruxas andavam à bulha com inveja do presente das irmãs.



Conto 2 – “ Noite de Paz”

- Está tudo parado. Não me digas que vamos apanhar um engarrafamento.

- Talvez não. Hoje é natural haver trânsito, muita gente vem de fora para passar o Natal com a família Gilda não respondeu para não inquietar o marido, mas aquelas filas intermináveis de luzinhas



vermelhas não anunciavam nada de bom. Olhando para o relógio ainda se afligiu mais. Àquela hora a maioria das famílias já devia estar reunida, circulando apenas alguns retardatários como eles, que chegavam sempre atrasados a todo o lado. O mais provável era ter havido um acidente.

- Que maçada – resmungou – Estou cheia de dores nas costas.

- Isso é de vires sentada há muito tempo

- Pois Precisava de mudar de posição

Gilda remexeu-se no banco para movimentar os músculos. Respirou fundo e depois acomodou-a o melhor

que pode. Mas a barriga dilatada em fim de gravidez, tornava-se difícil de ajeitar. O carro estava parado há uns minutos a atrás dele ia-se formando uma fila cada vez mais longa.

Os filhos, que iam a dormir no banco de trás, acordaram a choramingar.

- Mãe o que é que estamos a fazer?

- Não estamos a fazer nada-disse o pai um pouco enervado. Estamos a caminho de casa da avó.

-Então por que é que não andamos?

-Porque há muitos carros, vocês não veem?

E porque que é que não passamos à frente?

-Porque não há espaço. Só se voarmos.

-Calma, Raul. Se te pões a gritar com os miúdos, é pior.

Falara baixo mas os filhos ouviram e, talvez por sentirem que o apoio da mãe lhes dava força, desataram aos pulos no banco e a gritar em coro:

-Queremos sair daqui! Queremos sair daqui!

O pai ainda levantou a mão para lhes dar uma palmada mas optou por abrir a porta e sair ele, misturando-se com imensos homens e mulheres que tinham feito o mesmo a avançavam em grupo tentado perceber o que acontecera.

-Foi um acidente — disse alguém — Então a dar na rádio.

A informação atraiu toda a gente para junto da carrinha onde o condutor sintonizava uma estação de rádio que estava precisamente a noticiar o caso. O locutor devia ser bastante tolo, pois descrevia o acidente com uma entoação alegre e entusiasta, própria de relato de futebol “...o acesso à cidade pela via rápida não está nada rápido, nem sequer lento, está bloqueado, completamente bloqueado desde que se despistou um veículo pesado que transporta uma carga pesadíssima, nada mais nada menos do que colossais blocos de mármore, agora espalhados sobre o alcatrão.

As pessoas entreolharam-se consternadas.

- Ai minha Nossa Senhora, com certeza morreu muita gente!

-Ó Alzira, cala-te com isso, sabes lá se morreu ou não morreu...

A dita Alzira, velhota, baixinha e gorducha, já vertia lágrimas pelas mortes acabadinhas de imaginar. A irmã retirou do bolso do casaco um lenço com florinhas roxas e amarelas e estendeu-lho, distraíndo-se de imediato com a discussão que estalara ali mesmo ao lado entre vários homens que obviamente não se conheciam.

-A culpa é do governo - berrava um. – Se as estradas estivessem em melhor estado, não havia tantos desastres!

-Esta estrada até está boa, as pessoas é que não sabem conduzir.

Deviam tirar-lhes a carta, e num caso como este até os deviam meter na cadeia!

-Meter na cadeia porquê? Se calhar o tipo morreu...

-Ai, minha nossa senhora! – gemeu de novo a dona Alzira. - Eu bem dizia.

- Não dizia nada, a senhora não se meta, que isto é assunto de homens!

- Malcriados – resmungou a irmã, tendo o cuidado de o fazer de modo a não ser ouvida. – Malcriações...

O berreiro prosseguia.

- O tipo se calhar vinha bêbado e, à conta de um bêbado, estraga-se a noite de Natal de tanta gente. Cadeia, cadeia, era o que mereciam!

- As cadeias estão cheias de desgraçados como este, que até na véspera de Natal foi obrigado a trabalhar. Só se vira contra ele quem não dá valor ao trabalho.

- Isso é comigo? É comigo?

Como estavam prestes a envolver-se a pancada, alguns amigos avançaram para os afastar e a coisa serenou.

Ignorando a cena, uma mulher alta, magríssima, bem vestida e tão cheia de pulseiras e colares que parecia uma árvore de Natal, falava freneticamente, alternando entre dois telemóveis que ora ligava, ora atendia.

- Ó filha, um horror, não sabe a que horas sairemos daqui... Vão jantando ... Ah... Espera um minuto que tenho o outro telefone a tocar...

-Estou... Sim, sou eu, a Mafalda. Ah, és tu, querido? Que disparate, não te conhecia a voz. Bom Natal para ti também!...Eu ? Nem queiras saber... Ah... Ouviste na rádio? Pois, é isso estamos aqui presas. A Bibinha? Com essa não há problema nenhum, sabes como ela é. Pôs os auscultadores e deixou-se ficar no carro a ouvir música como se não fosse nada.

Virando-se para o lado, chamou:

- Bibinha! Olha, é o pai ...

A rapariga limitou-se a esboçar um gesto vago com a mão direita e continuou onde estava, balançando o corpo ao ritmo da música que só ela ouvia e mascando aplicadamente uma pastilha elástica.

-Manda beijinhos – mentiu a Mafalda no telemóvel. É que se levantou um vento gelado e ela vem engrupada. Melhor ficar no carro.



De facto fazia frio mas a janela do carro estava aberta. Para se proteger do vento, Beatriz, a quem a família insistia em tratar por Bibinha, tinha-se enrolado numa manta de xadrez e não deixava transparecer qualquer sentimento para além do prazer de música.

Igualmente indiferente, só um rapaz esquelético que, apesar do frio, vestia apenas uma t-shirt preta desbotada e calças de ganga que já nem se sabia se eram pretas ou cinzentas. Usava o cabelo rapado acima das orelhas e piercings na aba do nariz e nas sobrancelhas. Arrastava-se como se as extraordinárias botifarras pesassem quilos. Não falava com ninguém mas, ouvindo Alzira choramingar a sua noite de Natal perdida, comentou para o ar:

- Devia haver engarrafamento todos os anos, para acabar com a seca das festas de família.

Alzira não resistiu a responder-lhe:

-Ó rapaz, não digas uma coisa dessas que te fica mal.

Ele encarou-a com um sorriso trocista.

- Ora, ora, tia Alcina...

- Não me chames Alcina, que eu sou Alzira.

- Ai é? Não sabia...

Mais sensata e mais prática, a irmã percebe que dali podia sair conversa estragada e chamou Alzira.

- Olha quem ali vem, o senhor Silvério!

Por entre os carros avançava um velhotinho de bigode branco e olhos piscos, bem agasalhado num blusão de fazenda rematado por um cachecol aos quadrados, igual ao boné.

-Ó senhor Silvério, então fechou o restaurante?

-No Natal fecho sempre. Passo a consoada em casa do meu filho mais velho. Trazia ali leitão e umas garrafitas de vinho, mas parece que não vou chegar a tempo para a ceia.

(...) Gilda estava lívida e recebeu-o com os olhos dilatados de pavor.

-Raul, não me estou a sentir nada bem...

Ele fitou-a, na mais terrível expectativa.

-O que é que queres dizer com isso?

-Tenho dores...

-Dores nas costas?

Antes de responder, Gilda olhou para os filhos, que se tinham deitado no banco de trás e lutavam entre si usando apenas os pés. Vendo-os distraídos, declarou de um jacto.

-Acho que o bebé vai nascer.

Raul ficou sem pinga de sangue.

-Hã?

-Acho que o bebé vai nascer.

-Tens a certeza?

-Tenho.

Ele lançou um olhar desesperado

às filas e filas de carros que não davam o menor sinal de se irem pôr em marcha. Que fazer? Se esta criança nascesse tão depressa como os irmãos, não daria tempo de chegar à maternidade. Tentou acalmar-se pensando que das outras vezes corria tudo bem. Mas a verdade é que da outras vezes a mulher estava numa sala própria, rodeada de médicos e enfermeiras, com todos os recursos necessários para que corresse bem. Agora ali, no carro, a meio da noite e naquela barafunda...

-Raul... faz qualquer coisa- implorou Gilda com os lábios brancos como a cera.

- O que é queres que eu faça?

-Vê se há um médico, leva daqui os miúdos...

Dito isto fechou os olhos e encolheu-se, cheia de dores.

Ele gritou à toa:

-Preciso de um médico... Por favor encontrem um médico...

Abriu a porta de trás, puxou os filhos para fora e lá deu explicações atabalhoadas a quem o rodeava. A notícia de que ia nascer uma criança disparou como um raio e causou o maior alvoroço. Em poucos minutos só se ouvia o mesmo grito em todas as bocas:



-Um médico!

-Chamem um médico...

Mafalda ligou os dois telemóveis para o 112 e não foi a única. Mas só serviu para afligir as pessoas ainda mais porque, com a estrada cortada nos dois sentidos, nos havia qualquer hipótese de vir socorro de fora.

-Só se for pelo ar. Um helicóptero!

-E onde é que você quer que aterre um helicóptero? Em cima de nós?

Toda a gente tinha abandonado os respetivos carros, carrinhas e camionetas. Agora uma pequena multidão consternada rodeava Raul sem saber como ajudar. Os filhos, percebendo que qualquer coisa não corria bem, tinham começado a chorar e a chamar pela mãe, o que lhes valeu dois tabefes.

-Calem-se! Estejam quietos.

Não bata nas crianças, coitadinhas!- clamou a dona Alzira. – Dê-mos cá, eu entretenho-os!

Estendeu os braços, mas eles viraram-lhe a cara e ainda berraram mais. Outras pessoas tentaram aliviar o pai e pegar neles ao colo, sem qualquer êxito.

De repente Gilda soltou um grito agudo que imobilizou a assistência. Fez-se silêncio e até os filhos pararam de chorar.

-Deixem passar esta senhora que é enfermeira pediu Silvério empurrando quem se lhe atravessava na frente. – Afastem-se...

As pessoas abriram alas e os olhares fixaram-se na figura robusta e decidida que avançava para o carro e arregaçava as mangas.

- Com licença, com licença...

Sob as suas ordens, Gilda transitou para o banco de trás e, obedecendo a um gesto da enfermeira, todos recuaram, exceto o marido.

- Se alguém pudesse pegar nos meus filhos...

- A gente pegava, mas eles não querem...

O som de uma viola desviou as atenções. Quem tocava era o rapaz dos piercings. Mantinha o sorriso trocista e aproximou-se dos miúdos a cantar: *Olha a bola, Manel, olha a bola, Manel.*



Eles reagiram e pouco depois estavam de roda da viola a dedilhar as cordas, a pedir canções. E o rapaz, dando mostras de uma paciência infinita, ia-lhes satisfazendo os pedidos.

O vento amainara. Talvez fizesse menos frio. O céu parecia de vidro preto, um vidro onde brilhavam milhares de estrelas e um gomo de Lua. No sino de uma igreja próxima, soaram as doze badaladas. Lentas, pausadas como se desta vez lhes competisse anunciar um caso invulgar e feliz. Porque, logo a seguir, ouviu-se o choro inconfundível de um recém-nascido (...) Era comovente. O mesmo arrepio enternecido percorreu a assistência. Alzira desatou a chorar e a irmã também, ambas com lágrimas gordas que não limpavam porque, no meio da confusão tinham perdido o lençinho às flores roxas e amarelas. Mafalda ligara só um telemóvel e repetia emocionada:

- Vocês nem queiram saber... É como no presépio... É como no presépio...

Beatriz abandonara os auscultadores e saiu do carro com a intenção de oferecer a manta de xadrez para agasalhar o bebé.

Os homens que ainda há pouco tinham estado na iminência de se envolverem à pancada, conversavam entre si num tom vagamente embaraçado.

- Parece que lá à frente conseguiram libertar uma faixa de rodagem.

- Pois, isto está – se a compor. E como não houve mortos nem feridos graves...

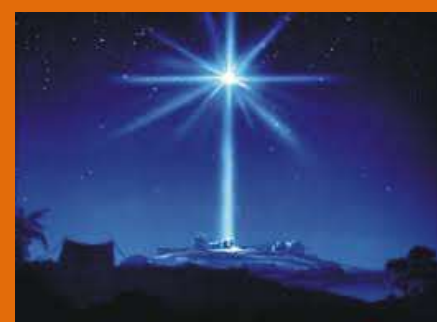
Silvério retirou da carinha uma caixa de cartão, pousou – a em cima do capot, abriu – a e ofereceu pedaços de leitão a toda a gente repetindo sem querer as palavras de Alzira:

- Já que falhámos a ceia em casa, ceamos aqui.

Vendo que aceitavam e agradeciam, lamentou não ter copos para oferecer vinho. E logo alguém apareceu a desembulhar um presente de Natal, que eram copos.

- Usem – nos à vontade, depois lavam – se e pronto. Fica um presente com uma história para contar, ainda não vale mais.

Passaram os copos de mão a mão, esvaziaram – se várias



garrafas de vinho espumoso, fizeram – se brindes emocionados, houve abraços, beijos, votos de Feliz Natal. Só o guitarrista não bebeu. Mas quando os miúdos voltaram para o colo do pai, virou – se para as velhotas com um sorriso que talvez continuasse um pouco trocista mas que também era amigável.

- Olhe lá, tia Alcina...
 - Não me chames Alcina.
 - Está bem, tia Alzira. Veja se gosta desta música.
- E, dobrado sobre si mesmo, pôs – se a tocar e a cantar:
- Noite de paz..

Ana Maria Magalhães, Isabel Alçada, *Natal! Natal!*, Ed. Caminho

Os nossos contos de Natal

Nas aulas de Português / Informática temos escrito contos sobre os mais variados temas. A professora propõe uma estrutura base que nós completamos em trabalho individual. Para este número do nosso jornal, escolhemos dois contos de Natal.

Esperemos que gostem !

NATAL

Chegara o inverno branco e frio. Os flocos de neve cobriam os campos, as casas, as árvores... Em todas as aldeias, vilas e cidades, as famílias faziam os seus preparativos para a época festiva que se aproximava. As casas eram enfeitadas com luzes, bolas de Natal e bonecos de neve. Indispensável era a árvore de Natal, verdadeira ou artificial, cheia de luzes, bolinhas e a grande estrela.



Junto a uma chaminé, eram colocados os sapatos ou as meias onde o Pai Natal haveria de deixar os seus presentes.

Afonso e Maria eram irmãos. Já tinham escrito as suas cartinhas ao Pai Natal:

Querido Pai Natal,
gostaria de receber os
meus presentes favoritos:

- Carro telecomandado;
- Bicicleta sem “rodinhas”;
- Piscina Insuflável.

Um abraço grande do teu amigo:

Afonso!

Meu amigo Pai Natal, adorava que me
oferecesses os presentes que desejo:

- Coleção completa da Barbie;
- CD’s dos One Direction;
- Poster da Violetta.

Um beijinho enorme da tua companheira:
Maria!

Mas o que os dois irmãos não sabiam é que, bem longe, no Pólo Norte, algo de muito estranho se passava: as máquinas tinham deixado de trabalhar, não havia energia e o próprio Pai Natal tinha desaparecido.

Os duendes, as renas e até a Mãe Natal deitavam as mãos à cabeça, sem saber como resolver o problema... sem Pai Natal não haveria Natal, nem presentes, nem um dia de alegria para todas as crianças do planeta.

Rodolfo, uma das renas, a mais velha e adulta, decidiu investigar por conta própria. Ela sentia que era sua missão salvar o Natal!

Concentrou-se nas pistas que tinha: uma chave de fendas no chão, ao lado da máquina de fazer brinquedos, fita cola junto à lareira e estranhas pegadas na neve à volta da casa.

Saiu para pensar. Na rua, numa pequena clareira, estava Horácio, o boneco de neve, com o seu cachecol e nariz grande. Sabia que ele não podia ter saído dali e achou que ele seria a testemunha ideal. Começou a interrogá-lo:

- Amigo Horácio, viste alguém suspeito aproximar-se da casa do Pai Natal?

Horácio parecia estar um bocado ensonado, o que não admira pois já eram três da manhã, mas respondeu:

- Vi, vi... vi um rapaz de capucho vermelho, com uma mala às costas!...

- Parece-me muito estranho! E viste alguma luz branca aparecer de repente? – quis ainda saber Rodolfo, a rena de nariz vermelho.

- Claro que vi !... Era bem forte a luz - explicou o boneco de neve.

- Ah! Acho que já sei o que aconteceu! – exclamou a rena! – Um indivíduo aproximou-se do gerador e com algo que tinha na mala destruiu os cabos da energia.

Então, os dois juntos, partiram em direção a caixa de energia e puseram em ação o seu plano: arranjar tudo para voltar ao grande Natal.

Arranjaram a máquina, ligaram a energia e foram à procura do Pai Natal que, afinal, estava a dormir no seu quarto muito descansado.

Daí a pouco, já o Pai Natal estava de volta à sua casa e ao seu trabalho.

E, na noite, de 24 de dezembro, Afonso, Maria e todos os meninos do mundo abriram, felizes, os seus presentes de Natal.



Sandro Florêncio

Pai Natal... procura-se !

Numa noite de inverno muito fria, havia grande confusão na oficina do Pai Natal porque ele tinha desaparecido!!! As renas e os duendes estavam de rastos!! Procuraram por toda a parte e nada! Nem sinal do Pai Natal!

As crianças choravam e o mundo estava triste. Toda a gente pensava: “ O que é que se passou com o pai Natal ?” As crianças estavam inconsoláveis e diziam: “Sem Pai Natal não há Natal e sem Pai Natal não há presentes!!! “

Um dia à tarde, estava toda a gente junta a falar sobre o desaparecimento do Pai Natal, quando se ouviu uma fada a comentar que tinha visto o Pai Natal na serra, ao pé das casas abandonadas !



Um menino levantou-se logo e propôs:

- Vamos lá ! Se calhar o Pai Natal foi raptado e está à espera que alguém o vá salvar!

A mãe dele disse logo que não o deixava ir porque aqueles sítios eram certamente muito perigosos.

Então a fada sugeriu que fossem todos. Todos juntos conseguiriam, certamente, salvar o Pai Natal e trazê-lo de volta à sua casa e à sua oficina.

As renas foram buscar o trenó e rapidamente chegaram ao sítio onde o Pai Natal tinha sido visto pela última vez.

No meio da serra, uma das casas abandonadas tinha uma luz fraquinha lá dentro. Um dos duendes disse:

- Aposto que é ali! É a única casa com luz e, que eu saiba, aqui não mora ninguém!

Bateram a porta e o Pai Natal abriu sem saber quem era. Admirado, perguntou:

- O que é que vocês estão aqui a fazer?

- Viemos buscar-te! Porque é que fugiste? Esqueceste-te de que estamos no Natal?

O Pai Natal deixou que uma lágrima redonda lhe caísse pelo rosto.

- Eu já não sou preciso! Este ano ainda não recebi nem uma carta! Já ninguém quer saber de mim!

- Não sejas tonto! – exclamou o duende - As cartas chegaram ontem... Eram os correios que estavam em greve e nós não sabíamos.

- A sério? Recebi mesmo muitas cartas?

- Milhões! Agora temos que trabalhar muito depressa para acabarmos de fabricar todos os presentes a tempo. – disse a rena.

- Então vamos! Conto com a ajuda de todos para enchermos o mundo de presentes este Natal!

Nesse Natal, enquanto distribuía os presentes por todas as crianças do mundo, o riso do Pai Natal parecia ainda mais alegre e feliz do que nos outros natais,

- Oh! Oh! Oh!



Carlos Tiago

Culinária



Aqui ficam as nossas sugestões para esta época natalícia...

São receitas tradicionais sem as quais nenhuma ceia de Natal está completa!

Bacalhau da Consoada

Ingredientes: (5 pessoas)
demolhado
- 2 Couves portuguesas
- 4 Dentes de alho
- Sal e vinagre q.b.



- 5 Postas grossas de bacalhau
- 2Kg de Batatas
- 5 Ovos
- 3dl azeite

Preparação: Cozem-se as batatas, pele, ou descascadas e cortadas a meio.

Lavam-se as couves pencas, separando as suas folhas.

Entretanto, cozem-se as postas de bacalhau juntamente com as pencas (ambos colocados só quando a água estiver a ferver).

À parte cozem-se os ovos.

Prepara-se o molho, levando ao lume o azeite e os alhos, abertos ao meio ou esmagados. Quando levantar fervura, retirar do lume e juntar um pouco de vinagre. Manter quente.

Quando tudo estiver cozido, descascar os ovos, pelar as batatas, se for esse o caso, e dispor todos os ingredientes numa travessa. Coloca-se o molho na molheira e serve-se quente.

previamente lavadas e com

Peru Assado

Ingredientes:
- 1Kg sal
velha
- 8 Dentes de alho
- 2 Cebolas médias
- 250g de bacon
pimenta
- 2 ou 3 Laranjas



- 1 Peru de 4 ou 5Kg
- 2 Cálices de aguardente
- 3 Limões
- 100g de margarina
- 1 Folha de louro
- 1 Colher de sopa de
- 1 Colher de sopa de colorau

Preparação: Depois de arranjado, pega-se no peru, coloca-se num alguidar e tempera-se com o sal, os dois cálices de aguardente e os limões às rodela. Em seguida cobre-se o peru com água fria. Deixa-se assim durante um dia.

No dia seguinte, retira-se o peru da água e seca-se bem, por dentro e por fora, com um pano.

À parte, preparar uma pasta com o alho, a margarina e o colorau. Barra-se o peru, por fora, com essa mesma pasta.

Colocar o peru barrado num tabuleiro ou assadeira, juntamente com as cebolas descascadas, o bacon em fatias, a folha de louro e a salsa. Tempera-se com pimenta e rega-se com o sumo de laranja.

Levar o peru ao forno bem quente (240°C) durante 20 minutos. Reduzir depois para 200°C. Durante o tempo de cozedura, regar o peru com o molho que se vai formando no tabuleiro.

Para saber quando o peru está assado, usar uma agulha de tricô que se espete no peito e coxas do peru: se ao retirar a agulha o líquido sair transparente, então o peru está pronto a ser servido.

Acompanhe com batata assada e arroz de passas ou pinhões.

Bolo Rei

Ingredientes:

- 155 g de açúcar
- 380 g de farinha
- 0,5 dl de mel
- 1/2 cálice de aguardente
- 2 dl de sumo de laranja picados
- 50 g de passas e corintos
- 40 g de amêndoa pelada



- 200 g de manteiga
- 4 ovos
- 1 colher (de chá) de fermento
- raspa de 1 laranja
- 0,5 dl de vinho do Porto
- 80 g de frutos cristalizados
- 50 g de miolo de noz
- 25 g de pinhões
- manteiga, canela e farinha q.b.

Preparação: Unte uma forma de fundo amovível com manteiga e forre o fundo com papel vegetal, também untado. Polvilhe com farinha e reserve. Ligue o forno a 160° C. Junte a manteiga com o açúcar e bata até ficar em creme. Adicione os ovos, um a um, batendo bem entre cada adição, a farinha peneirada com o fermento e a canela. Envolve bem, acrescente o mel, alternando com a raspa de laranja, a aguardente, o vinho do Porto e o sumo de laranja e mexa bem com uma colher de pau. Misture os frutos cristalizados com os frutos secos (à exceção da amêndoa), polvilhe com um pouco de farinha e envolva-os, delicadamente, na massa. Verta o preparado na forma, espalhe por cima as amêndoas e leve ao forno, por cerca de 30 minutos. Terminado este tempo, regule a temperatura do forno para 90° C e deixe cozer por mais 50 minutos. Retire e deixe arrefecer antes de desenformar.

Tronco de Natal

Ingredientes:

- 5 gemas
- 115 g de farinha baunilha



- 5 ovos inteiros
- 180 g de açúcar
- 1 a 2 gotas de essência de

Preparação: Bata os ovos inteiros com as gemas, até que se encontrem em espuma. Adicione aos poucos o açúcar, sem parar de bater. Junte as gotas de essência de baunilha e, por fim, peneire a farinha e envolva-a no preparado. Verta para um tabuleiro untado e forrado com papel vegetal, igualmente untado, e leve ao forno, preaquecido a 200°, durante cerca de 10 a 15 minutos. Retire do forno, desenforme sobre uma superfície polvilhada com açúcar e deixe arrefecer. Entretanto, prepare o creme pasteleiro. Leve ao lume 1 l de leite com 1 vagem de baunilha aberta ao meio, até levantar fervura. Envolve 2 colheres (de sopa) de farinha maisena em 360 g de açúcar e junte 8 ovos, um a um, mexendo bem entre cada adição. Corte 100 g de manteiga em pedacinhos e junte-a ao preparado. Por último, verta o leite em fio, mexendo sempre. Retire a vagem de baunilha e leve tudo a lume brando, mexendo sempre até engrossar, e sem deixar levantar fervura. Retire do lume e continue a mexer até arrefecer um pouco. Em seguida, barre a massa com este creme, enrole e apare as pontas. De uma das extremidades da torta, corte dois pedaços, para fazer as hastes.

Confeccione o creme de manteiga achocolatado: Na batedeira eléctrica, bata 500 g de manteiga até obter um creme homogéneo e junte-lhe 2 gotas de essência de baunilha. Entretanto, leve 400 g de açúcar ao

lume com 1,5 dl de água e deixe ferver até obter ponto de pérola. Bata as claras de 8 ovos em castelo e, sem desligar a máquina, junte a calda em fio. Continue a bater até arrefecer. Junte 100 g de chocolate derretido e este merengue à manteiga, envolvendo suavemente. Monte o tronco, cubra-o com creme de manteiga achocolatado e polvilhe com chocolate em lascas. Barre as extremidades com creme pasteleiro e decore com estrelas de chocolate.

Sonhos de Cenoura

Ingredientes:

- 200 gr de açúcar em pó
- 200 gr de farinha de trigo
- 3 ovos
- Raspa de 1 laranja
- Óleo e açúcar q.b.



- 1 kg de puré de cenoura
- 30 gr de fermento de padeiro
- 4 gemas
- 1 colher de chá de canela

Preparação: Misture o açúcar em pó com o puré de cenoura, acrescente a farinha peneirada e envolva bem. Dissolva o fermento de padeiro num pouco de água morna e adicione ao preparado anterior, seguido dos ovos, as gemas, a raspa de laranja e, por fim a canela. Tape com um pano e deixe repousar até dobrar de volume. Aqueça o óleo numa frigideira e frite colheradas do preparado, virando-os até ficarem uniformemente dourados. Retire com o auxílio de uma escumadeira e escorra sobre papel absorvente. Passe depois por açúcar e sirva.

Rabanadas

Ingredientes:

- Leite
- Açucaramarelo
- Pau de canela
- Vinho do Porto
- Ovos



- Pão fatiado
- Manteiga
- Casca de limão

Preparação: Leva-se a aquecer o leite, a manteiga, o açúcar, a casca do limão e o pau de canela. Deixa-se arrefecer a mistura anterior, e adiciona-se o vinho do Porto. Molham-se as fatias de pão na mistura preparada e deixam-se em repouso, pelo menos 1h. Passam-se as fatias por ovo batido e fritam-se em óleo quente.

Arroz Doce

Ingredientes:

- 1 limão
- 5 ovos

Preparação: Põe-se o leite levantar fervura, junta-se o



Quando o arroz estiver cozido, juntam-se as gemas batidas. Leva-se de novo ao lume, juntam-se as 5 claras de ovo batidas em castelo, mexe-se bem e serve-se.

- 1 litro de leite
 - 4 colheres de arroz
 - 150 gr de açúcar
- ao lume com a casca de limão. Quando arroz previamente lavado e o açúcar.

Bom apetite!

Para esta secção podes enviar as tuas cartas pedindo conselhos sobre a tua vida sentimental, com a certeza de que encontrarás aqui sempre uma palavra amiga...



5 De Dezembro de 2014

Olá!

Chamo-me Ana, soube do vosso jornal e decidi pedir ajuda para o problema que tenho com o meu namorado.

O meu namorado tem uma melhor amiga e passa mais tempo com ela do que comigo. Eu não gosto...mas não digo nada porque acho que tenho de ter confiança nele.

Apesar de toda a confiança que tenho demonstrado, no outro dia, ele fez uma enormecena de ciúmes só porque cumprimentei um grande amigo meu.

Gostava que me dessem uns conselhos e ajudassem a decidir o que devo fazer para resolver as coisas com o meu namorado, pois não quero acabar com ele.

Aguardo a vossa resposta.

Ana

Querida Ana: 6 de dezembro de 2014

Li a tua carta com muita atenção. O meu conselho é que deves falar com o teu namorado para esclarecer as coisas e perguntar porque...é que ele passa mais tempo com a melhor amiga do que contigo. Tens de perceber se ele tem algum problema que não te queira dizer.

Ter ciúmes numa relação é normal; quer dizer que o amas verdadeiramente.

Vais ver que, se fores direta e frontal, todos os teus problemas se resolvem.

Assinado: *Doutora do Amor*



Passatempos

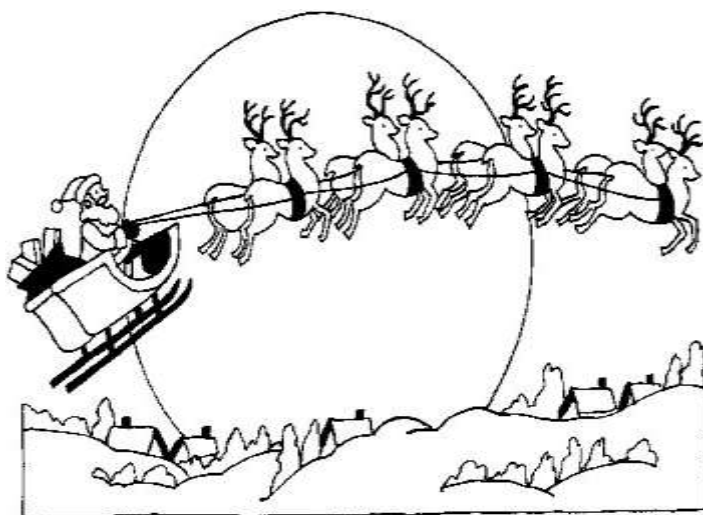
Nesta secção apresentamos alguns passatempos feitos por nós. As soluções serão publicadas no próximo número do jornal.

Sopa de letras

Descobre vinte palavras ligadas ao Natal.

F	D	D	S	F	B	O	L	A	S	G	N	J	R	E	I	S	X	C	B
I	F	W	E	R	V	V	A	D	C	V	S	V	M	A	G	O	S	B	V
L	D	A	S	F	D	L	H	J	G	S	A	S	D	F	G	H	J	K	L
H	R	Q	W	E	R	T	Y	U	I	O	K	E	S	T	R	E	L	A	I
O	A	V	X	N	A	T	A	L	S	N	Q	E	T	T	H	S	F	Ç	Z
S	B	K	J	K	G	R	R	G	T	H	R	G	V	F	V	G	H	J	K
E	A	F	V	H	D	V	V	R	F	O	D	F	T	Y	F	U	S	X	F
W	N	C	C	C	G	Y	O	I	F	S	F	P	E	Q	E	Q	Q	D	Y
F	A	R	F	P	D	U	R	D	F	F	R	R	I	I	Y	N	E	V	E
T	D	X	R	E	P	R	E	S	E	N	T	E	S	R	Y	Y	F	G	G
C	A	X	I	R	Y	U	I	J	N	V	D	S	A	X	F	T	W	E	F
F	S	X	O	A	S	F	G	N	N	M	M	E	M	H	R	I	R	W	A
V	W	W	W	S	C	F	C	T	I	D	G	P	D	G	F	G	T	Q	E
F	R	R	W	E	D	F	C	F	F	A	M	I	L	I	A	Ç	P	A	Z
M	I	S	S	A	D	O	G	A	L	O	G	O	F	W	L	A	Ç	O	S
E	E	O	W	D	F	C	D	V	G	H	J	K	O	O	P	P	P	P	D
F	E	N	O	I	T	E	T	Y	F	C	T	X	F	X	X	G	X	Z	C
R	D	Y	A	F	G	H	F	G	H	J	B	O	L	O	F	R	E	I	F
N	T	B	X	A	D	G	U	I	I	O	P	D	D	A	U	R	D	S	F
J	Y	Y	X	H	A	R	M	O	N	I	A	D	T	R	F	X	X	F	C

Desenhos para colorir



Diferenças

Descobre 8 diferenças entre as duas imagens.



Adivinhas

De cera sou feita
e tenho um pavio.
Quando me acendem
tenho bastante brilho
Quem sou eu ?

Sou um pai muito feliz
que traz ao lar muito
alegria.
Ando sempre lá por fora,
só venho a casa um dia.
Quem sou eu?

Respostas no próximo número do jornal.